

## AOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E INTELLECTUAIS CONSCIENTES

Antonio João<sup>1</sup>

Venho<sup>2</sup> de uma família de pequeno-burguesia, uma família com oito irmãos que, trabalhando, conseguiu manter uma pequena oficina. Mas como a família era grande, os mais velhos cedo receberam a incumbência de trabalhar.

Corria o ano de 1960. Eu estava terminando a 4ª série do primário quando meu pai me disse que já tinha arrumado um trabalho para mim. Neste tempo eu estava com 13 anos. Passei dois anos nesse emprego, uma grande casa comercial tipo Sendas. Ali pouco aprendi, a não ser trabalhar para enriquecer mais o bolso dos capitalistas. Era uma exploração tremenda, não registravam ninguém, o horário era de 15 a 16 horas por dia, enfrentando todo e qualquer tipo de trabalho. Em 1962, quando houve aquele "quebra-quebra" nas casas comerciais, o gerente chamou os funcionários e disse que tinha um monte de baderneiros e agitadores quebrando tudo e nós tínhamos que defender o nosso patrimônio, reparem bem o que ele disse "nosso patrimônio" - e infelizmente a gente achava que ele estava certo.

Em 1963 entrei para o rol dos proletários e espero nunca mais sair dele até a vitória final, ou então que os burgueses acabem comigo.

A primeira manifestação da qual eu tomei parte se deu da seguinte forma: um certo dia faltou luz, ou melhor, nós chegamos para trabalhar e não tinha luz. Aí recebemos a notícia de que podíamos ir embora, pois a energia só voltaria na parte da tarde. Tudo bem. Fomos embora sem comentários. Na sexta-feira veio uma circular dizendo que nós tínhamos que trabalhar no sábado para compensar. Foi um "rebu" danado, pois tinha um bom grupo na fábrica que correu um abaixo-assinado que nós poderíamos trabalhar sim, mas a empresa pagaria as horas trabalhadas como "serão". Ou seja, o horário era de 7:30 às 17:30 horas, nove horas normais, mas eles teriam que pagar mais 4 1/2 como acréscimo de sábado.

(Reparem bem como eram as coisas: trabalhávamos menos<sup>3</sup>, recebíamos mais nas horas extras e não se trocava um dia de sábado como se troca hoje. Muitas das reivindicações de hoje são simplesmente conquistas que nós perdemos.)

Veio 1964, fizemos greve, já tínhamos feito outras, mas infelizmente os operários, naquele tempo, apenas sentíamos ódio, não tínhamos uma direção que nos guiasse e fomos todos a pique. Foi grande o corte e as prisões feitas na fábrica. Ninguém até hoje sabe o que foi feito daquele grupo. Os operários começaram a ser "empacotados". Esta foi a fábrica A<sup>4</sup>.

### 1964 a 1970 - Fábrica B

Esta fábrica<sup>5</sup> é uma multinacional que naquele tempo devia Ter aproximadamente 5 mil operários. O que eles fizeram para acabar com o movimento operário foi cruel. Enquanto os militares pensavam em criar o FGTS, ou seja, acabar com a estabilidade, os patrões já foram fazendo as suas leis. Primeiro cortaram o horário de café (naquele tempo a firma dava leite com café, pão com manteiga de manhã e de tarde, com dez minutos em cada tempo). Houve reclamações que deu em rua e lá se foi o lanche justamente com os 20 minutos de descanso. Naquela época se falava em crise, isso já em 1965. O que eles fizeram foi o seguinte: redução de jornada para três dias por semana, com diminuição total de 18 horas semanais. Isto durou quatro meses. Nesse meio tempo, o que aconteceu foi horrível. Na ocasião eu ainda era solteiro e financeiramente pouco sofria, mas imaginem os outros. Depois os encarregados formaram uma "caixinha" para emprestar dinheiro a

---

<sup>1</sup> Antonio era, na ocasião em que escreveu o texto, serralheiro metalúrgico e estava desempregado.

<sup>2</sup> Relato autobiográfico escrito por Antonio e revisto, de comum acordo com ele, a partir do texto datilografado por mim. Cópias reprográficas do texto foram divulgadas em fins de 1982.

<sup>3</sup> A jornada apesar de nove horas normais era menor porque incluía parada para almoço e vinte minutos para lanche de manhã e de tarde.

<sup>4</sup> Por temer a possibilidade de identificação e represália, Antonio nomeou as fábricas com as letras do alfabeto. A fábrica A era a Bausch & Lomb.

<sup>5</sup> Standart Eletric.

juros e apareceu um montão de outras. Foi um tal de operário começar a ficar covarde, medroso e vendido que não tinha conta. Depois que os patrões já tinham todos na miséria voltou o horário normal, mas com três turnos. Antes nós trabalhávamos de 7:30 às 17:30 horas. E eu trabalhei quase seis anos e não consegui sequer passar de 1/2 oficial, fazia trabalho que não era qualquer um que fazia, pela metade do preço. Quando veio a greve de 1968, com os soldados do Exército na porta poucos deixaram de trabalhar. Pois naquele ano os operários já não tinham líderes e não acreditavam nestes que hoje querem ressuscitar o passado (PMDB, PTB, etc.).

### **1970 a 1971 - Fábrica C**

Este ano foi quando eu comecei a sentir as dificuldades. Primeiro porque a pequena oficina do meu pai acabou e ele foi obrigado a se proletarizar. E eu naquele ano me casei e ainda tinha sonhos como todos os operários. Ainda bem que acordei a tempo, pois tem muitos que sonham em ter sua casa, todo conforto para que seus filhos não passem o que ele passou, etc. Tudo ilusão, companheiros. Nossos filhos, se a gente não partir para a luta, vão ficar pior que a gente. Não se iludam se um consegue alguma coisa, pois milhões não conseguem nada a não ser vender sua força de trabalho.

Isto foi uma pequena pausa. Vamos continuar.

Fui morar numa casa do meu pai, não deu certo. Comprei uma "meia água" que não tinha luz, nem água e meus sonhos duraram apenas seis meses, até que tive de me meter numa favela para poder continuar vivendo.

Quanto à fábrica<sup>6</sup>, tinha feito tudo que as outras já tinham feito. Mas exigiam atestado ideológico e de bons antecedentes. Teve um companheiro que recebeu o ideológico, mas o antecedentes não. Ele teve que ir lá embaixo, conseguiu. Mas depois falou para mim e alguns outros que aquilo foi a herança dele dos traidores de 1964<sup>7</sup>. As suas costas eram igual às canetas que eu uso para escrever, de tanta pancada que levou. Foi aí que eu comecei a parar mais para pensar. Eu trabalhava já fazia uns 10 anos e não tinha nada. Alguma coisa estava errada, mas eu não conseguia ver o que era.

### **1971 a 1974 - Fábrica D**

Esta fábrica<sup>8</sup> também é muito interessante, pois naquele tempo era uma agulha no palheiro, mas o alemão, sabido, sabia que nós estávamos desarmados. Começou a dar umas fatias de bolo para depois comer o manjar. Esta fábrica hoje é o que é às custas principalmente de bons operários (tipo artesanato). Trabalhávamos mais com pequenas ferramentas do que praticamente com grandes máquinas.

A primeira trapaça que ele fez foi o seguinte: a fábrica era rodeada por uma favela. Teve um dia que a favela pegou fogo e diziam alguns operários mais antigos que mais ou menos entre 1969 e 1970 eram os bombeiros apagando o fogo e os alemães cercando a área destruída com arame farpado. Aí ele conseguiu com a miséria de centenas aumentar a fábrica. Os poucos barracos que ficaram, como muitos já trabalhavam ali, ele dizia que queria comprar e quase todos venderam. Os outros tiveram os barracos cercados em volta da fábrica e os pobres coitados foram obrigados a sair.

Uma pausa.

Não é interessante, companheiros?

Eu já fui detido em greve, como muitos outros, alguns estão condenados até hoje, mas aqueles que são verdadeiros ladrões não acontece nada. Incrível!

Em relação ao trabalho era assim: o salário era razoável, tínhamos leite de manhã e café de tarde. Hora-extra era de 100%. Comida, em relação a hoje, era boa e barata. A firma vendia tudo para os operários, de matéria-prima até o material acabado a preço de custo. Quem fizesse "serão" de noite, ou seja, das 18 às 20 horas, tinha uma ajuda de custo diária que hoje corresponde mais ou menos a Cr\$ 150,00. Muito bem.

### **1974 a 1975 – Fábrica E**

---

<sup>6</sup> De Millus.

<sup>7</sup> Referência aos membros do Partido Comunista Brasileiro.

<sup>8</sup> Trata-se da Ciferal, uma das grandes fabricantes de carrocerias para ônibus. O proprietário inicial era um alemão. Entrou depois em processo falimentar e conseguiu sobreviver às custas do empenho direto dos operários que conseguiram apoio do segundo governo de Brizola.

Este período para mim foi muito ruim, pois meu salário teve que baixar. A favela que eu morava, apesar de ter uma associação ligada ao MDB<sup>9</sup> (como todos sabem é oportunista), foi removida para Santa Cruz. Ali eu tinha que me levantar às 4:00 horas e me deitava altas horas. Também tinha dia que eu nem sequer via meus filhos. Mas foi por outro lado um período bom, pois eu já começava a ver melhor as barreiras que nos separavam (patrão-empregado).

Dentro da fábrica pela primeira vez desde 1968, o sindicato ia para as portas da fábrica, mas com uma proposta tão oportunista que eu e muitos achamos que como de fato o sindicato não valia nada. O pessoal do sindicato foi fazer sindicalização e também dava direito a um seguro de vida ridículo, pouquíssimos se sindicalizaram e cada vez mais o pacote fomos empacotados. Os patrões já estavam com a faca e o queijo, ninguém falava mais nada, éramos ameaçados e vigiados, não podíamos nem pensar em conversar mais de três juntos. Eles consideravam tumulto. Os operários pediam para fazer “serão”.<sup>10</sup> A fome começava a chegar às nossas casas com mais intensidade. O “milagre econômico” começava a mostrar sua deficiência, só se escutava falar de apertarmos os cintos.

### **Fábrica F**

Como a situação estava péssima, pedi as contas com quase dois anos e fui cair num estaleiro.<sup>11</sup> Ali comecei a lutar, talvez ainda não como classe para classe, mas percebi que se não lutasse ninguém poderia lutar por mim. Conseguimos fazer um abaixo-assinado em prol da insalubridade; este processo demorou muito tempo, mas já é lei em trabalhos relacionados com calderaria pesada. Tem muitos operários que acham que eles deram por ser bonzinhos. Naquele tempo também apareceram muitas pichações pelo Caju, mas os operários ainda estavam muito assustados para sair novamente para a guerra. Lá<sup>12</sup> também se perdeu tudo o que eles tinham conseguido há muito tempo.

### **1976 - Fábrica G**

Em princípios de 1976 fui eu parar numa fábrica de locomotivas lá para os lados da Estação de Deodoro.<sup>13</sup> Ali os operários tinham uma organização muito boa, pois lá tinha um boletim chamado *Papagaio falante*. Qualquer problema que surgisse na fábrica ela era rodado, denunciando as coisas e dando uma alternativa. Era uma fábrica dominada por militares aposentados, mas que nunca descobriram nada. No final a assinatura do boletim era assim: “Leia, pense, passe adiante e cuidado, nós também estamos te observando”. Aqueles mais medrosos e delatores quase não liam nada, mas também não prejudicavam.

### **Fábrica H**

Ainda em 1976 arranjei emprego perto de casa, ou seja, em Santa Cruz. Lá eu conheci alguns líderes sindicais passados. Esta fábrica no passado era muito importante, ainda hoje é, pois esta fábrica pertence a um dos diretores do sindicato patronal. Aqueles líderes sindicais foram logo embora, acho que já eram queimados. Na fábrica, pela primeira vez eu e mais cinco operários já tínhamos um grupo, mais baseado no bate-papo e amizade, e um dia resolvemos falar com o diretor daquele galpão para reclamarmos aumento de salário. Foi um passo que nós decidimos que iria todo mundo e todos falaríamos a mesma coisa. Fomos lá, falamos com o homem, ele nos recebeu muito mal, mandou a gente falar com o encarregado, mas nós dissemos que queríamos falar era com ele mesmo. Falamos alguns minutos e ele nos respondeu que ia ver se de fato estávamos certos e que depois dava uma resposta. A resposta veio dois dias depois: todos cinco foram para a rua. Isto já começava a entrar na minha cabeça: ao invés de fazer aquilo, nós tínhamos que organizar a fábrica, que mais uma vez provou que individualmente só consegue alguma coisa se for puxa-saco ou delator.

### **Fábrica I**

Esta fábrica parecia uma piada, pois toda sexta-feira atrasava o pagamento. Davam 40% ou às vezes 60%, mas nunca vinha certo. Isto já acontecia há anos. Os mais antigos diziam que o patrão era assim mesmo, ele tinha que receber para pagar, mas o que eles não sabiam ou fingiam que não

---

<sup>9</sup> Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>10</sup> Prolongamento da jornada com pagamento de horas-extras.

<sup>11</sup> Estaleiro Caneco, no bairro do Caju.

<sup>12</sup> Na empresa.

<sup>13</sup> Companhia Nacional de Vagões.

sabiam era que ele tinha muitos produtos que fabricava, um tipo de motor que era patrimônio ou resumindo melhor, era o único que o fabricava em toda a América do Sul, um edifício na Presidente Vargas com uns 10 andares com o nome dele, fora um montão de patrimônio que nós não sabíamos. Mas o resultado disto foi que toda sexta-feira depois das 15 horas (era a hora do pagamento) nós parávamos, sentávamos na seção e ninguém fazia nada. Eles nem ligavam mais para isto. Há coisa de um ano, alguns companheiros levaram o caso para o sindicato, mas encontrei um amigo que está trabalhando lá e ele me disse que estava tudo a mesma coisa.

### **1977 a 1979 – Fábrica J**

Em 1977, depois de rodar um bocado por aí, eu fui parar numa área de segurança nacional.<sup>14</sup> Um bom emprego, garantido e com bom salário. Parecia que a minha vida ia melhorar, como de fato melhorou. Consegui fazer uma casa num bairro da Baixada Fluminense, comprar alguma coisa para a casa, inclusive até um carro. Como operário profissional estava realizado e no outro ano consegui mudar para um bairro bem melhor. Neste ano recebi o melhor prêmio por todos estes anos de trabalho, ou seja, uma úlcera no estômago. Corria o ano de 1978. As lutas operárias tornaram a se estender de norte a sul. São Bernardo abriu o caminho, mas a fábrica em que eu trabalhava não se manifestava em nada. Tinha alguns operários conscientes, mas nós não podíamos fazer nada. Eu já via as coisas de outra maneira e queria entrar na luta. Era preciso. Nós – a classe operária – começávamos a acordar de um grande pesadelo. Em fins de 1979, eu consegui sair desta fábrica, quebrando inclusive barreiras familiares, mas eu tinha consciência do que estava fazendo.

### **Fábrica L**

Corria o ano de 1979. Veio a grande greve de São Bernardo e eu me encontrava nesta fábrica.<sup>15</sup> Apesar de toda a euforia em São Paulo, eu já começava a ver erros. Por exemplo: nas grandes assembléias de São Bernardo os próprios dirigentes (apesar de ser todos muito bons, Lula, etc.) barraram a palavra aos operários. Somente o sindicato falou, isto na minha opinião foi um erro. Neste meio tempo a Fiat do Rio de Janeiro também já estava no auge, e nós metalúrgicos íamos começar a nossa campanha salarial. A passada em 1978, o sindicato já tinha feito uma boa manobra e is ativistas estavam ainda em fase de formação sindical. A maioria destes ativistas vem de formação pequeno-burguesa, muitos deixaram faculdade e são garotões que não tem uma prática constante dentro das fábricas. Não sabem e nunca vão saber entender os operários.

Começaram a aparecer reivindicações como “comissões de fábrica”, que os ativistas diziam tem que ser independentes do sindicato, Isso só quem não sabe são eles mesmos. Dividiram o Rio em áreas de trabalho. Muito bom. Mas as representações também foram negociadas, ou seja, Beltrano de tal fica com tal área. Após a greve, para piorar, estes representantes não viram uma necessidade de procurar organizar os operários dentro das fábricas, ficando mais ligados ao sindicato, e a greve deu no que deu. Na minha fábrica também pouco se avançou, mas muitos fizeram piquetes e a fábrica parou geral, poucos furaram. Depois eu comecei a vida de todo operário. O fantasma do desemprego começava a aparecer em nossas casas. Mas neste meio tempo em São Paulo surgia pela primeira vez na História do Brasil uma legenda operária, ou seja, o Partido dos Trabalhadores. Participo desde sua fundação aqui no Rio, começando como núcleo dos metalúrgicos e depois no bairro e apesar dos pesares ainda é o melhor.

### **1980**

Este ano foi um ano de altos e baixos para nós. A organização por áreas não deu certo. Na campanha salarial os ativistas negociaram a greve em prol das eleições que se aproximavam. As oposições se dividiram, mas numa categoria de 250 mil nem 5% votaram e isto provou que ninguém consegue fazer trabalho de base nenhum. O resultado todos já sabem: estamos esquecidos nas fábricas, esperando mais uma vez para as próximas lutas, assim pensavam os operários, e essas lutas até hoje não vieram. O que veio foi posição fechada, tanto o sindicato como os ativistas acham que estão certos, mas nós que estamos dentro das fábricas sabemos quando está certo ou errado.

### **Fábrica M**

Esta fábrica também não era diferente das outras, mas se o sindicato já era bastante desacreditado ficou ainda mais perante os operários. Os patrões eram tão ruins que não davam nada, ou seja, pelo menos um café. O pagamento sempre atrasado e faltando e quando pagavam a gente

---

<sup>14</sup> Arsenal da Marinha.

<sup>15</sup> Kabi.

saía de lá pelas oito ou nove horas da noite. No fim do ano de 1980 para 1981, eles nos pagaram em cima do Natal, o que acarretou uma pequena paralisação. Mas como era fim de ano e tarde, pagaram. Ficou o dito pelo não dito. Mas chegou o carnaval e na sexta-feira, véspera de carnaval, de tarde correu o boato que eles iam pagar em cheque, imaginem o “rebu”. Todo mundo parou e quando voltamos na quinta-feira estávamos mais revoltados ainda, pois o cheque que nos tinham dado não tinha fundo. Ninguém pegou no trabalho. Aí eu e mais alguns companheiros vimos a necessidade de fazer alguma coisa, mas os operários se recusaram a discutir, ou mesmo a ir ao sindicato. Na sexta-feira se repetiu a mesma coisa. À tarde o patrão desceu para falar com alguns operários e aí começaram a haver as divisões. Uns queriam continuar parados e outros queriam trabalhar. Era dia de pagamento também. À tarde eles mandaram embora mais de 70 operários, quase a metade da fábrica. Foi aí que muitos operários viram como funcionam as armas dos patrões. Os que ficaram trabalhando nem falar conosco falavam. Marcaram um dia para a gente receber e de novo deram um cheque sem fundos, e marcaram um mês depois para recebermos a indenização. Passou este tempo e quando voltamos nada foi resolvido. Eu e mais quatro companheiros fomos ao sindicato, mas no sindicato nos enrolaram e disseram que no dia seguinte iam lá. Pura conversa fiada. Uma semana depois, quando voltamos os ânimos dos operários já estavam estourando e quando souberam que não ia sair nada se revoltaram. Aí concordaram em ir ao sindicato, éramos ao todo um 30. Eles fizeram manobra, mas a massa estava revoltada e exigiu que o sindicato fosse até a fábrica. Voltamos à fábrica, com um diretor e um advogado. Eles fizeram um jogo demagógico que metia até nojo, mas no final se comprometeram a mandar um documento para o sindicato e marcar uma data para o nosso pagamento.

Neste processo é bom esclarecer dois pontos. O primeiro é como os operários se comportaram no sindicato, eles pareciam que estavam perdidos, e estavam numa casa estranha, mas quando a vergonha e o medo passou eles tomaram à frente do troço. O segundo é mais triste, pois os que ficaram trabalhando, apesar de eu ir conversar com eles para pedir uma solidariedade, eles não queriam nem discutir, queriam era garantir seu emprego de qualquer maneira.

Companheiros, nós temos que aprender que a única classe que pode se conscientizar com a experiência são os próprios operários. Isto tem de ficar claro para todos e quanto mais a gente pregar isto estaremos adiantando a libertação de toda a classe operária. Alguns dizem que os operários não têm consciência? Que consciência estes companheiros querem que os operários tenham? Eles simplesmente têm consciência de operário, o resto cabe a nós dirigir.

Mas o final desta luta foi pior ainda. Isto é para mim, pois chegou o dia marcado para o pagamento e os patrões mais uma vez quiseram quebrar todo um trabalho. Fizeram o seguinte: pagaram a todo mundo todos os seus direitos e a mim mandaram procurar meus direitos na Justiça e quando eu comentei isto com os operários, eles disseram que foi muito azar meu, e a única coisa que eles disseram foi me convidar para tomar uma cerveja. Eles já tinham resolvido os seus problemas, os do resto dane-se. Isto aconteceu entre março e abril de 1981.

### **Fábricas N<sup>16</sup> e O**

De março até hoje, dezembro, eu não consegui mais assinar a minha carteira. Trabalhei em duas fábricas como temporário. Isto é uma das heranças do regime militar. A gente trabalha e não tem direito a nada, nem mesmo o salário família. Nas fábricas desse tipo de serviço é muito ruim, pois nós não podemos ficar mais de três meses como temporário e é muito pouco tempo para se tornar amigo dos operários, mas numa destas conheci um engenheiro progressista ligado ao PT e comecei a discutir com ele os nossos problemas, até que os operários também entraram na discussão. Mas infelizmente os operários só aceitavam a discussão porque tinha um sujeito de nível superior. Eles ainda não meteram na cabeça que são eles que tem que fazer as coisas. Como luta a que ficou foi que a gente entrou na Justiça reivindicando o final do trabalho temporário. Vai ser um processo lento e demorado e talvez não dê em nada, mas pelo menos é um meio de ter mais sete operários lutando por seus direitos.

### **Arrematando o que eu disse**

Bem companheiros: estas foram minhas lutas, que são nossas lutas. Aconteceram muitas coisas nesse ano. O PT se firmando como partido, muitos companheiros preocupados com esse pacote eleitoral, mas eu acho que a gente não deve se preocupar com isso pois desde que eu trabalho nós operários estamos sendo empacotados. Conhecemos uma porção de AI-5. Por exemplo: o da fome, educação, saúde e etc. Para nós até hoje não mudou nada, ninguém pode prever nada, nem marcar data de nada. Esta é a minha opinião. Peço desculpas se alguns de vocês não gostaram, mas foi o que se passou comigo até hoje e a única finalidade é ver se alguns operários, da mesma idade

---

<sup>16</sup> Brasividro.

que eu façam a mesma coisa para os mais novos aprenderem que a classe operária nunca parou e nunca vai parar de lutar até a sua morte ou até a vitória final.

**LEIA, REPRODUZA, PASSE ADIANTE E COLABORE**

**FELIZ 1982**